

Ananaz, Kanguimbu. *Seios e Ventres*. Luanda/Angola: EAL-Edições de Angola, 2020

Holdamir M. Gomes

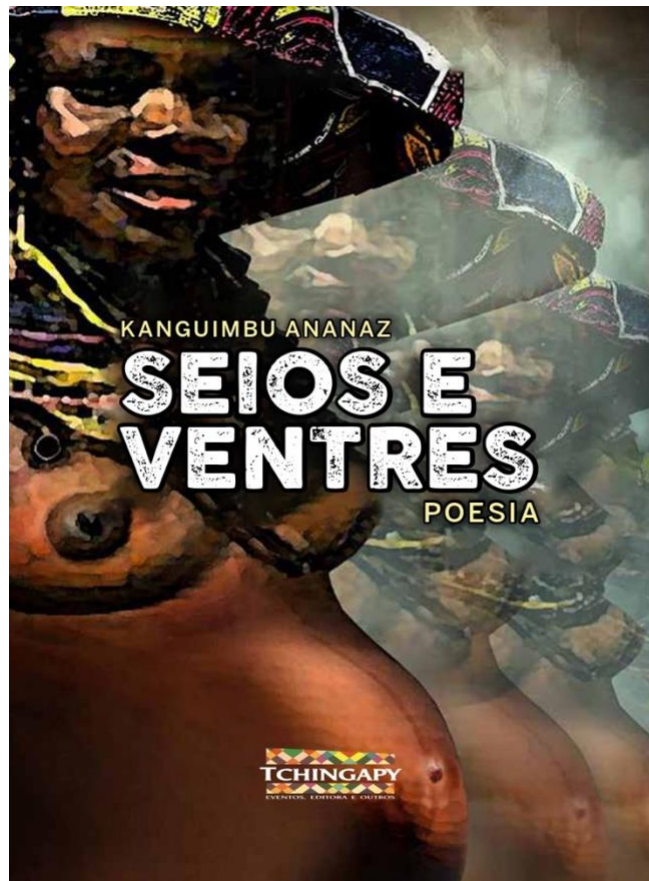
Universidade Federal do Pará – UFPA, Brasil

A poetisa Maria Manuela Cristina Ananaz, ou melhor Kanguimbu Ananaz, nasceu no bairro do Forte de Santa Rita, cidade de Namibe, em Angola, continente africano, no ano de 1959. Escritora, psicóloga e professora, teve seu livro intitulado – *Seios e Ventres* – publicado em 2020, ganhado o prêmio pelo terceiro lugar no concurso internacional “Um Buque de Rosas”, em homenagem a escritora Maria Eugênia Neto, esposa do primeiro presidente de Angola.

O cenário da literatura feminina produzida na África, segundo Tania Macedo (2010), ainda é tímido e de pouca visibilidade. Posto que à mulher africana ainda é atribuído papéis subalternos, aliado

ao pouco acesso à educação e dificuldade na difusão de livros, o que leva muitas vezes ao seu silenciamento e invisibilidade.

Não obstante, o encontro com a produção literária de Kanguimbu Ananaz, a partir da leitura do poemário “*Seios e Ventres*”, revela um retrato evidenciador de uma experiência feminina e africana em que a palavra literária tem servido de esteio para que possa falar da alma, do corpo, do desejo, de suas pulsões eróticas e sexuais, a despeito das sombras dos interditos sócio-histórico-culturais no continente africano.



Estruturalmente, o livro compõe-se de 52 poemas. Todos concisos, com títulos, palavras e versos livres que trabalham a intrincada relação e coreografia entre tempo, corpo, alma e natureza feminina como matéria poética.

A tessitura do livro promove um entrelaçamento com os elementos memorialísticos, códigos eróticos, simbolismo, signos linguísticos e léxicos tradicionais angolanos. Expressões muito particulares da sua terra, como: marimba, kilapanga, massuika, entre outras, visibilizando sua pertença e compromisso identitário com seu povo, seu território – sua angolanidade.

Como o próprio título do livro explicita – Seios e Ventres –, há o júbilo e a intensidade da figura, do corpo, da alma e do “ser feminino”. Do jogo que dele se revela, transpassa em suas linhas, artesanalmente construídas: a memória embebida do amor e do sexo sentido e experienciado, da (des)esperança dos amores achados e partidos, do assombro diante dos rodopios intermitentes da vida e dos seus breus, do fogo da paixão, do sofrimento que permeia o caminhar, da explicitude sempre complexa do ser-poder-ter, da liberdade e dos tabus (in)confessados, da dor e do prazer que comporta o corpo e alma feminina, em que “as emoções caem / aos pedaços na alma” (44).

A poetisa exhibe-se a cru, desnudada, sem anteparos, nem muros de defesa ou torres de marfim. Aguerriada, dar-se aos desmazelos audazes, avança limites, ultrapassa fronteiras, legitimando sensações anímicas e corpóreas. Plurais sentimentos femininos que abrigam o seio e permitem nascer, livre e provocativamente, do ventre poético desta escritora angolana.

É tecido narrativo em que o fazer literário também é, certamente, libertário. É dar voz, vez e privilégio ao universo feminino e africano. Num exercício poético e coreográfico que penetra corpos e desvenda almas. Tendo o mundo feminino africano como espaço de enunciação e sujeito do enunciado. Nomeia sensações, liberta os instintos e proibições, destrava repressões tabus, legitima a cultura local, incita a fronteira entre o ser humano-individual e o societário-coletivo, com seus dicotômicos contornos relacionais morais, psíquicos e metafísicos, com todas as suas (des)conexões e paradoxos entre uma tríade sempre inconclusa e complexa: corpo, alma e natureza.

O seu escrito poético ou sua linguagem-discurso, utilizando-se de um pensamento usado por Samira Chalhoub (1993), mas que se adequa ao ora dito, “ao ocultar e exhibir, toca o ser em gradações: *movere* pela emoção, *docere* pela lógica, *delectare* pelo gozo”. É a percepção do

mundo por um olhar e sujeito poético feminino, que também é gênero, e que existe um discurso a ele relacionado.

Em contrapartida as linhas que tecem um discurso poético hegemônico de base patriarcal e androcêntrica, por vezes misógina, a obra da poetisa angolana suscita uma espécie de contradiscurso, representado esteticamente por um subjetivismo pragmático, corpóreo, anímico. Em que o erotismo e libido descortinam tabus ligados à sexualidade do seu gênero, da sua raça e do seu povo.

A poesia de Kanguimbu Ananaz, como toda linguagem poética, evoca a plurissignificação das palavras. Podendo encerrar não um único sentido, mas vários. Noutras palavras, há sempre uma recriação a partir daqueles que o leem, pois cada leitor é único e pode decodificar algo peculiar, particularmente seu. É ter presente que todo poema é sempre permeado de muitas potencialidades e subjetividades. Como diria Paz (1982), o poema é uma obra inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor. Até porque, segundo a própria autora: “Verbos são canções inacabadas” (61).

Num pacto fecundo entre a carne, a alma e a letra, o poemário evidencia a efetividade do olhar poético de uma escritora angolana, tendo como fio condutor o universo feminino, imbrincado com as coisas do mundo e de si mesma. Fazendo suscitar do texto aquilo que media amor e ódio, pertencimento e aversão, presença e solidão, prazer e dor – que é o sentimento. Sendo consenso, a partir dos apresentadores e prefaciadores do livro: Dra. Daiana Nascimento dos Santos (Chile), Dra. Jurema Oliveira (Brasil) e Ernesto Daniel (poeta e prosador angolano) que no tecido poético, cerzido por Kanguimbu Ananaz, há um conjunto intenso e explícito de dispositivos sensitivos.

É um mosaico de desejos, experiências, sensações e sentimentos, expondo um espectro de um mundo feminino entreaberto, passível sempre de (re)interpretações, pois o subjetivo sempre será abstrato, intangível. Mas que traz um pouco da voz mulher e do cotidiano angolano, do seu lugar-mundo. Um lócus enunciativo distinto que através de suas tradições, sons, cheiros, cores, rituais, sabores, ancestralidades, imprimi também um elemento de erotização, quiçá, como um exercício poético revelador de subjetividade e emancipação feminina. Revelador da necessidade de subverter a maneira de ser mulher na sociedade africana.

São por vezes palavras fortes, intensas, aparentemente despudoradas, com alternância da efervescência e da quietude, por vezes pedras outras águas, que nascem e escorrem das reentrâncias impulsivas da própria poetisa, na qual o desejo se faz linguagem.

Uma narrativa poética em forma de livro, escrita e inscrita por um eu-lírico mulher, negra e africana, detendo em si uma força suplicante e confessional. De um lócus poético revelador e instaurador de uma identidade própria, provocativa, de resistência: de raça, de gênero, de cultura, de povo-gente. “No avesso minha alma / trilha o discurso periférico / entre legendas algemadas” (52).

Detém a poesia de Kanguimbu Ananaz uma concepção que põe em cheque antigos pressupostos de castração, misoginia e maniqueísmo que ainda encontram-se presente, não apenas no continente africano, mas em outras partes do globo. É uma forma literária de resistência que questiona uma memória cultural forjada há séculos – de repressão e petrificação do homem e da natureza, de castração da libido. Elementos que ainda permeiam o imaginário. E conforme Orlandi (42): “Os imaginários condicionam os sujeitos em suas discursividades e explicitam o modo como os sentidos estão sendo produzidos”.

Com efeito, como voz de mulher e da mulher, rompe com óbices em que a vivência da sua sexualidade e genitalidade, do prazer feminino é ainda relegado. Deixa transparecer questões e dilemas que fazem parte do eu-feminino contemporâneo. E que sua castração, seja de que tipo for: corporal, mental, emocional, da linguagem, deve ser banida e transformada. Rompe com o modelo dominante da superioridade masculina, dos padrões patriarcais, da ótica falocêntrica e eurocêntrica. Fazendo com que o universo feminino ocupe seu espaço como (co)construtora da sociedade, em favor da luta por nenhum direito a menos.

É o fazer poético literário como instrumento libertário. E a poesia tem esse dom – libertar a alma e o corpo em exílio, sem amarras, sem grilhões ou porões. São as mulheres falando por si e de si mesmas. Na senda de suas visões, desejos, fantasias, fetiches, apoiando os limites de construção do novo imaginário, forjando outra forma, legítima e necessária, de perceber o mundo e os sujeitos que o compõe.

Tornando emblemático este estilo poético, que além dos limites moventes do silêncio e da palavra, permitem o exercício de falar das dores e gozos da “mulher africana”. De uma perspectiva étnico-cultural de especificidades tão significativas, representando certamente um sinal de resistência na (re)construção identitária e participação na-para a história.

Válida a leitura do poemário intitulado -Seios e Ventres-, da escritora Kanguimbu Ananaz, para quem melhor deseja conhecer a produção poética feminina africana ou uma escritora angolana em particular, que inaugura entre as poetisas de sua geração, uma nova tradição poética. E assim

sendo, quiçá, assumindo também uma função sócio-existencial-política para um novo ser e estar feminino em solo africano.